

Teologia do Sacerdócio

1. Necessidade da questão

Trabalhando na formação de sacerdotes há mais de uma década, no contato diário com os professores e com os alunos, penso que não exagero se afirmar que existem atualmente opiniões muito divergentes entre os católicos a respeito do sacerdócio. Por isso, vejo que a pergunta não seja ociosa e nem a exposição inútil. É claro que na Igreja há espaço para um sadio pluralismo (e é desejável que permaneça assim). Nota-se, porém, o escândalo dos fiéis quando tal pluralismo parece exceder os limites do que seria uma mínima unidade necessária.

É assim que gostaria de discorrer a respeito do *status quaestionis*, ou seja, a situação do atual debate a respeito da identidade presbiteral.

2. História do problema

A pergunta pela identidade do ministério ordenado, deve-se reconhecer, é tão antiga quanto a Igreja. A comunidade crente viu nesta realidade um dos pontos chave para a sua auto-interpretação e assim se sentiu impelida a buscar sua adequada inteligência de fé¹.

É sabido, porém, que a controvérsia com a Reforma protestante encontrou um *punctum dolens* na teologia do ministério ordenado que, por razões várias, desde a baixa Idade Média, havia se concentrado ao redor do conceito de «sacerdócio». A Igreja católica vivia como se os termos «ministro» e «sacerdote» fossem praticamente sinônimos. Já as comunidades reformadas restringiram a noção de sacerdócio a Jesus e ao conjunto dos fiéis. Por isso, à pergunta «o ministro ordenado, enquanto tal, é sacerdote?» a Reforma respondeu com um claro e decisivo «não!».

Talvez a pergunta tenha sido mais importante do que a resposta. Porque, como sói acontecer, ao aceitar a pergunta, a Igreja católica foi arrastada para o campo de seu adversário. Daí para frente, todo o discurso estava polarizado neste dilema: «sacerdote ou não sacerdote, eis a questão».

Poderíamos dizer que a nossa teologia ficou prisioneira desta antinomia até as vésperas do concílio Vaticano II. Com o Vaticano II, a Igreja compreendeu que a resposta de Trento não fora suficiente. A categoria de «sacerdote» não expressava toda a riqueza do ministério ordenado que agora era visto sob o prisma mais amplo do Cristo sacerdote, profeta e rei².

Após o concílio (*post hoc* e não *propter hoc*) vem à tona uma grande crise no clero. Esta famosa crise permanece um fenômeno extremamente complexo e de difícil análise, entre suas várias razões, porém, os autores são unânimes em identificar uma delas: a crise de identidade. Para recordar as proporções da mencionada crise, as estatísticas da própria Santa Sé afirmam que, no período de 15 anos que vai da

¹ Cf. GOZZELINO, Giorgio. *Nel nome del Signore. Teologia del ministero ordinato*. Torino, LDC, 1992, 15.

² A constituição dogmática *Lumen gentium* distingue no ministério dos bispos o ofício de ensinar (n.25), o ofício de santificar (n.26), e o ofício de governar (n.27). O decreto *Presbyterorum ordinis* descreve as funções dos presbíteros apresentando-os sucessivamente como ministros da palavra de Deus (n.4), ministros dos sacramentos e da eucaristia (n.5) e como chefes do povo de Deus (n.6).

conclusão do concílio até o final da década de 70, cerca de 10% dos padres deixaram o ministério (40.000 padres!).

Diante desta grande hemorragia, era premente que se respondesse, o mais rápido possível, à pergunta: quem é o padre? Antes do concílio respondia-se simplesmente: "o padre é um sacerdote". Agora os teólogos, embebidos de espírito ecumênico, se esforçavam para demonstrar: "o padre NÃO é sacerdote".

3. A teologia atual

É assim que no pós-concílio surge uma nova perspectiva teológica que poderíamos chamar de **perspectiva profético-real-missionária**. Para evitar qualquer associação da figura do presbítero com o sacerdócio, a trilogia clássica dos três *munera* (profético, real e sacerdotal) que fora assumida pelo concílio é reformada e no lugar de "sacerdotal" aparece o termo "missionário". O ponto focal se transfere da dimensão do *sacrifício* e da *santificação* para a da *palavra* e da *regência*.

Por esta solução optaram vários teólogos renomados como o cardeal Walter Kasper³, Karl Rahner⁴, Leonardo Boff, num primeiro momento⁵, e Severino Dianich⁶, assim como o recente documento preparatório do Encontro Nacional do Clero deste ano de 2004: *O Presbítero no Mundo Globalizado* (cf. pg. 33).

Penso que, embora discorde pessoalmente desta perspectiva, estas afirmações possam ser compreendidas de um modo correto, como veremos mais abaixo, sem radicalismos e sem abandonar a fé propriamente católica. Por isso, possuem plena cidadania dentro da comunhão da fé.

Mas as coisas não param por aí. Esta perspectiva, fundamentalmente legítima, dá asas a uma interpretação que poderíamos chamar de **sociológica-funcionalista** do ministério ordenado.

Leonardo Boff, por exemplo, em seu polêmico livro *Igreja: carisma e poder*, faz uma curiosa análise marxista da Igreja. A eclesiologia clássica é comparada ao sistema capitalista:

«Nesta concepção, o fiel não tem nada. Apenas o direito de receber. Os bispos e os padres receberam tudo: é um verdadeiro capitalismo. Eles produzem os valores religiosos e o Povo consome. Estilo monárquico e piramidal» (p. 207).

Boff sustenta que «primitivamente o povo cristão participava do poder da Igreja», mas que depois houve «um processo de expropriação dos meios de produção religiosa por parte do clero contra o povo cristão», que foi assim «expropriado» de suas capacidades; e continua:

«Criou-se um corpo de funcionários e peritos encarregados de atender ao interesse religioso de todos mediante a produção exclusiva por eles de bens simbólicos a serem consumidos pelo povo agora expropriado» (p. 179).

A profilaxia para a doença é óbvia: tirar o poder do clero e "gerar" (eclesiogênese) uma nova Igreja onde estes sejam simplesmente funcionários.

³ Cf. *Nova ênfase na concepção dogmática do ministério sacerdotal*, in *Concilium* 5 (1969) 39-53.

⁴ Cf. *Sull'autocompreensione del sacerdozio ministeriale*, in *Nuovi saggi*, 5, Paoline, Roma, 1975, 567-591.

⁵ Cf. *O destino do homem e do mundo: ensaio sobre a vocação humana*. Petrópolis, Vozes, 1982⁶, 102-123.

⁶ Cf. *Il ministero ordinato. Una interpretazione ecclesiologica*. Roma, Paoline, 1984.

Esta mesma análise tem sido corroborada recentemente pelo o Padre José Comblin⁷, que utiliza o método do "desconstrucionismo histórico"⁸ para afirmar que o concílio é uma colcha de retalhos. Não teria havido unanimidade entre os Padres conciliares. Paulo VI no seu "irenismo" teria apenas tentado conciliar o irreconciliável. Os documentos do concílio sofreriam, por assim dizer, de dupla personalidade: uma progressista e outra conservadora. Assim, a proposta seria a de "pinçar" dos textos conciliares "esquizofrênicos" o que há de "avanço", seguindo o "verdadeiro espírito" do Vaticano II, que, neste caso, não se encontra em nenhum dos textos conciliares, mas apenas na cabeça dos desconstrucionistas, ou deveríamos dizer "destrucionistas"...

Nesta visão, a vocação do presbítero tem sentido apenas enquanto este é agente de «transformação social». A Igreja, lida apenas como realidade sociológica, e a concepção clássica de clero, apenas uma ideologia «classista».

E há ainda quem dê um passo a mais, seguindo a teologia do Fr. Edward Schillebeeckx⁹. Afirma-se o direito incondicionado da comunidade de ter presidentes da eucaristia. A consequência é a eliminação de qualquer vínculo que tente limitá-la. Assim, chega-se à afirmação da possibilidade de um presidente da celebração eucarística sem a ordenação.

A agenda eclesiológica que busca eliminar toda «diferença de classe» tem uma programação bastante clara: acabar com tudo o que faça do padre alguém «diferente do povo»; o celibato, o hábito, a liturgia das horas, a vida mais recolhida, a ascese, etc.

Seria interessante fazer aqui um *excursus* de todos os argumentos psicológicos aduzidos com a mesma finalidade. Mas isso nos levaria longe demais. Para não passar completamente em branco, anexei um pequeno apêndice sobre as posições controvertidas do Padre Eugen Drewermann, que também fazem sucesso entre nós (sem nota de roda-pé, é claro).

Gostaria, neste ponto, de fazer a citação de um texto do Padre von Balthasar que, já na década de 60 dava, quase que profeticamente, uma resposta à polêmica que só surgiria décadas depois:

«O *Presbiterato* possui, desde o início, uma dupla imagem: por um lado, é um ministério, "função", por outro, é uma "vida" que deve ser "modelo para o rebanho" (*1Pe* 5,3; *1Tim* 4,12); uma "vida" assim é necessariamente da Igreja.

Os dois lados do presbiterato lutam para encontrar um harmônico equilíbrio (a obediência ao bispo é intrinsecamente necessária, o celibato é extremamente oportuno, a pobreza na forma da generosidade, da casa aberta, do não apego aos próprios bens devem marcar todo presbítero e todo bispo: *1Tim* 3,3; 3,8; 5,3; 6,8s.; *Tt* 1,7s.).

Se não estou completamente enganado, num futuro próximo, tentar-se-á dissolver a síntese que deveria estar sempre presente no presbiterato: uns irão colocar uma ênfase unilateral no ministério e na função (o que corresponderia à atual tendência de funcionalizar o homem vital); verão no ministério apenas o carisma funcional entre tantos outros dentro do povo de Deus, conciliável com o matrimônio e com as

⁷ Cf., por exemplo, *O Povo de Deus*, São Paulo, Paulus, 2002.

⁸ Aqui seria interessante uma exposição dos pressupostos ideológicos anticristãos que estão na raiz do pensamento desconstrucionista de Jacques Derrida, Michel Foucault e outros.

⁹ *Il ministero nella Chiesa. Servizio di presidenza nella comunità di Gesù Cristo*. Brescia, Queriniana, 1992. Cf. HACHMANN, Geraldo. *Servir a Cristo na comunidade*. São Paulo, Loyola, 1993.

profissões mundanas, a ser exercido conforme as necessidades da comunidade. Estes perderão de vista a conexão com a vocação peculiar do Evangelho e irão preferir negar a sua existência.

Outros irão perceber o chamado a seguir o Cristo pobre, obediente e celibatário por amor do reino de Deus, e irão compreender que assumem o seu ministério sob o sinal da entrega de sua própria vida em favor dos irmãos; estes (e somente eles!) serão também no sentido existencial seguidores dos apóstolos, que nos próprios Pedro e Paulo (*Jo* 21,18s.) puderam se tornar seguidores do Senhor até o fim»¹⁰.

* * *

Minha opinião.

Penso que a Igreja fez muito bem ao considerar insatisfatória a resposta de Trento. Não podemos responder à crise de identidade do presbítero atual com respostas elaboradas há cinco séculos, por boas e verdadeiras que elas sejam.

Mas penso também que não devemos somente nos livrar da resposta de Trento, devemos nos livrar também da pergunta protestante. Se queremos descobrir "o que é um presbítero?", devemos sair do dilema: "sacerdote ou não sacerdote".

Se utilizarmos o método da teologia «de baixo», partindo de um conceito antropológico de «sacerdote», será inevitável considerar que o conceito de sacerdócio está carregado de conotações pagãs, não compatíveis com a fé cristã. Esta é a conclusão óbvia.

Se partirmos «do alto», porém, ou seja, da pessoa de Jesus, não há como negar que toda a sua vida está marcada por uma entrega ao Pai.

«Toda ação de Jesus [...] converge para a finalidade de preparar um povo que junto consigo tome o caminho do auto-sacrifício (*Selbstdarbringung*) ao Pai [...] Mas que um sacerdote chegue a Deus com o seu próprio sangue e que, portanto, o ministério sacerdotal consista no *auto-sacrifício*, este é um *paradoxo* que transforma totalmente, ou melhor, destrói, toda a idéia de sacerdócio do passado, de tal forma que se pode designar Cristo como sacerdote somente acrescentando que o seu sacerdócio é único e qualitativamente novo, que "supera" (no tríplice sentido hegeliano de "*aufheben*": tirar, elevar, conservar) todo outro sacerdócio da humanidade»¹¹.

Abre-se aqui uma outra perspectiva, não prisioneira deste falso dilema.

Trata-se da **perspectiva da pessoa-sinal**. É claro que não se trata de uma resposta inventada por mim. Seguem esta nova visão vários cardeais (como Lehmann, von Balthasar, Ratzinger, Bertone, Saraiva Martins) e teólogos (Tillard, Greshake, Favale, Gozzelino, Manaranche).

Nem Jesus, nem o Novo Testamento, utilizam a categoria de "sacerdote" para designar os seus ministros. O evangelho nos fala de "apóstolos" ("enviado" em grego, correlativo do termo hebraico "sâlîah").

O apóstolo é uma pessoa-símbolo, uma pessoa-sacramento, uma pessoa-ícone. Quem recebe ou rejeita os apóstolos, recebe ou rejeita o próprio Jesus (cf. *Lc* 10,16). Eles são "embaixadores" no sentido mais profundo do termo (cf. *1Cor* 4,1; *2Cor* 5,20).

¹⁰ «Vom Ordensstand», in: *Schweizerrische Kirchenzeitung*, 16 (1968), 18/04, 241-242.

¹¹ GRESHAKE, Gisbert. *Priestersein*. Freiburg/Basel/Wien, Herder, 1991⁵, 45.

Esta categoria seria capaz de englobar toda a riqueza do ministério (suas categorias de sacerdote, profeta e rei, etc.) pois teria todas as riquezas do Cristo como ponto de partida.

Nesta perspectiva, a grande pergunta que se deve fazer aos seminaristas, diáconos, padres e bispos é a seguinte: «És realmente para *um Outro*, para Cristo, para o Senhor servidor e crucificado? A comunidade é capaz de perceber e aceitar que na tua ação ministerial e no teu comportamento pessoal tu estás ali *para Ele?*»¹².

Com esta pergunta, cai por terra toda a tentação clerical-triunfalista do antigo modelo tridentino. Mas também cai por terra o reducionismo meramente funcionalista e igualitário de matriz protestante.

O Papa João Paulo II recordava numa viagem ao Gabão em 1983 que «a primeira fidelidade que se espera de um sacerdote é a de continuar a crer em seu próprio mistério». Se é isto que se espera do presbítero, formemos os nossos seminaristas nesta fé.

Devemos refutar uma visão de presbítero que seja apenas tridentina e deixe de lado toda a riqueza do Vaticano II. Mas também devemos recusar uma passagem apressada a um suposto Vaticano III.

¹² *Ibidem*, 188.

APÊNDICE

O polêmico livro de Eugen Drewermann *Clérigos: Psicograma de um ideal*¹³ nos propõe uma problemática que deve ser considerada.

Drewermann constata na vocação clerical duas características difíceis de conciliar:

- uma cômoda tranqüilidade empregatícia;
- um estilo de vida antiburguês (os "conselhos Evangélicos")

Como explicar tal contraste?

Para Drewermann, o rapaz que escolhe a vida clerical sente a necessidade de ser extraordinário e de buscar o extraordinário. Este mesmo rapaz, no entanto, é demasiado frágil para viver esta excepcionalidade a partir das forças de sua própria personalidade¹⁴.

A óbvia conseqüência desta desproporção entre projeto de vida e capacidade pessoal é a ansiedade. Para eliminar esta ansiedade, o rapaz se dispõe e entregar à instituição Igreja o seu próprio ego mortificado. Torna-se um mecanismo do sistema. Esta, para Drewermann, é a "doença dos clérigos" (*klerikale Krankheit*).

Atrás de todo clérigo se esconderia uma personalidade fraca que espera ser guindada ao panteão das pessoas especiais. E aqui a crítica de Drewermann se faz universal. Pouco importa se estamos falando de seminaristas escondidos em batinas, de reitores camuflados num personagem ou de bispos disfarçados por uma aura popular. Um clérigo seria sempre alguém que usa a instituição para coonestar a sua fraqueza pessoal.

* * *

Diante de crítica tão acirrada podemos reagir de várias formas.

Em primeiro lugar penso que não seria honesto atacar o nosso adversário dizendo que se trata de livro de um padre maluco, que foi suspenso *a divinis* pelo seu bispo e que as acusações não são genuínas porque radicais. E assim, com um belo argumento *ad hominem*, varreríamos o incômodo para debaixo do tapete...

Penso que devemos levar o homem a sério.

Por outro lado, também não podemos lhe dar toda razão, já que as acusações que faz contra nós (clérigos) valem também para qualquer pessoa humana. Instituição não existe só na Igreja e desde a queda de nossos primeiros Pais o homem é açulado pelo sutil demônio da vaidade e do orgulho. Se encontrar uma instituição ou uma serpente que dê vazão às suas veleidades, tanto melhor: «Sereis como Deus!».

Seja como for, a magra consolação de não ser os únicos a padecer de uma doença e que ela não seja apanágio exclusivo dos eclesiásticos, em nada nos aproxima do ideal de um ministério apostólico conforme o coração de Jesus.

Como então evitar que os nossos jovens seminaristas, no dia seguinte à sua ordenação, não estejam engrossando as fileiras dos "padres cantores" e nem estejam perturbando a paz de seus bispos e comunidades exigindo caminhonetes novas,

¹³ *Kleriker. Psychogramm eines Ideals*. Freiburg, Olten, 1989.

¹⁴ *Ibidem*, 60.

gordas contas bancária ou qualquer outro capricho que os transforme em "pessoas especiais"?

Bem, se queremos ser conscienciosos, em primeiro lugar, devemos dar a mão à palmatória, dizer que algo disso tudo existe em cada um de nós e não somente, o que seria hipócrita velhacaria, entre os nossos jovens levitas.

Em segundo lugar, analisemos adequadamente as acusações que nos foram feitas.

Drewermann toma como ponto de partida, e creio que isto seja fundamental, o falso dilema: ou instituição, ou pessoa.

Se quisermos compreender a fundo a natureza de qualquer instituição, devemos partir de uma análise do tipo de encontros e de relacionamentos *pessoais* que nela existe. Se isto é verdade em qualquer instituição, tanto mais será verdade do "mistério teológico" chamado Igreja. Mistério que nos introduz na relação de comunhão com as três pessoas trinitárias.

Ora, eu só posso encontrar o outro (e o outro me encontrar) através de objetivações, ou seja, expressões, sinais, palavras. Nestas expressões o íntimo da outra pessoa toma corpo.

Estas manifestações de minha intimidade podem ser eventos únicos e fortuitos. Neste caso, eu devo me adaptar a cada situação.

Mas, ao contrário, pode também acontecer que eu seja levado, por minha própria decisão, a manifestar o meu coração de forma constante e fiel. Seria, por exemplo, o caso do matrimônio. Isto significa que estas expressões do meu coração estariam marcadas por uma fidelidade e entrega permanentes. Como é fácil concluir, uma instituição (no caso o matrimônio) também pode ser expressão de um coração sincero. Por ser institucionalizada a entrega e o amor que há entre o homem e uma mulher não é menos verdadeira e sincera. Uma instituição não é necessariamente a escora de uma personalidade fraca.

Nossa sociedade "pós-moderna", no entanto, nos leva a olhar com desconfiança para a sinceridade da expressão-instituição matrimonial. Como se o espontaneísmo fosse o único caminho para a sinceridade.

O mesmo acontece com o ministério ordenado. A desconfiança de toda instituição nos leva a receitar como remédio para a "doença dos clérigos" o reforço do subjetivo.

O perigo aqui torna-se evidente: «os clérigos colocam a sua pessoa no lugar de sua missão e procuram compensar o fato que perderam a própria missão, aumentando sua própria importância» (Hans Urs von Balthasar).

Por isso, antes de apresentar um possível remédio para os nossos males, é necessário exorcizar o falso remédio do subjetivismo.

Não creio que seja negativo ou mesmo degradante para um homem o fato de poder crescer dentro de algo maior, de asserido como verdadeiro, de "objetivo". Não creio que seja humilhante colocar o próprio ego em uma instituição de forma permanente e fiel.

Isto nos leva ao terceiro ponto. A crise de formação de nossos seminários. Segundo o Padre Amedeo Cencini¹⁵, o antigo modelo formativo de nossos seminários era o da «**perfeição**». Neste modelo, o indivíduo era levado a canalizar todos os seus instintos, mesmo os mais conflitantes.

Mas a pretensão que a energia pulsional esteja imediatamente em conformidade com os valores parece pouco realista e termina por empobrecer a vida psíquica do aspirante a santo. Sua energia não é mais uma força de que o indivíduo faz sua e tira vantagem para viver seus ideais, mas é como uma força bruta, contra a qual o indivíduo luta, mas que quer emergir continuamente e se impor à maneira sua, tornando a vida dramática e tornando cada vez mais difícil a realização do mesmo ideal da perfeição. O formando torna-se um controlador perfeito, ... e exausto.

Suriram então no pós-concílio outros modelos: da auto-realização, da auto-aceitação. Mas todos se demonstraram inadequados ao ideal evangélico, já que concentram excessivamente o formando em seu próprio eu.

A solução proposta seria o modelo da «**integração**». Que interpreta a pessoa humana sob a categoria do mistério¹⁶, não enquanto algo de incompreensível, mas enquanto um conjunto de pulsões, em última análise, paradoxais. Em nós convivem, lado a lado, o santo e o pecador, o ideal e o instinto, etc.

Trata-se de, sem nada negar do ideal evangélico, levar o formando, através de uma técnica específica, a integrar as energias.

A pessoa em processo de integração tenta enuclear sua personalidade, partindo de um centro vivo, de uma intuição, de um valor no qual reconhece que o seu eu é chamado a ser. Parte-se da idéia não abolir nada da sua humanidade, mas se propõe o fazer girar todos os impulsos da vida ao redor deste centro vivo como satélites em torno de um planeta.

¹⁵ CENCINI, A. *Amerai il Signore Dio tuo. Psicologia dell'incontro con Dio*, Bologna 1999, 13-37.

¹⁶ IMODA, F. *Sviluppo umano. Psicologia e mistero*, Casale Monferrato, Piemme, 1993.